

PARA ALÉM DA ACADEMIA: práticas situadas e mediações socioantropológicas em contextos comunitários

Elloiza Sena Alves de Lima¹

Resumo: O presente ensaio discute as possibilidades de inserção profissional das Ciências Sociais para além do campo acadêmico tradicional, com ênfase na atuação em contextos comunitários e culturais. A reflexão fundamenta-se em uma experiência extensionista vinculada à disciplina Práticas de Pesquisa Social Aplicada, desenvolvida em parceria com o Coletivo Abrigo, no âmbito do projeto cultural “Viva Elizabeth”, realizado no bairro Sarandi, em Porto Alegre. O objetivo deste trabalho é analisar as contribuições das Ciências Sociais na mediação entre universidade e comunidade e investigar como são postos os impactos socioculturais e econômicos da rota artística do grafite nas percepções de segurança e no desenvolvimento da economia local. A metodologia utilizada foi a narrativa explicativa com base no trabalho qualitativo etnográfico desenvolvido durante a disciplina extensionista. Com base nas observações e narrativas coletadas no trabalho, foi possível compreender que os impactos deste projeto tiveram como resultados dois aspectos principais, o aspecto estético, relacionado às implicações estéticas da rota na percepção dos moradores locais. E os aspectos sociais, relacionados aos efeitos da rota na vida da comunidade do bairro. O trabalho deste modo, busca apontar para a intersecção da atuação de cientistas sociais em projetos comunitários e culturais promovidos pela inserção em projetos extensionistas universitários configurando, assim, um espaço privilegiado de experimentação profissional, no qual se tornam visíveis as múltiplas possibilidades de atuação de cientistas sociais. Desta forma, o potencial das Ciências Sociais na sistematização de demandas, na construção de narrativas e no fortalecimento institucional de coletivos culturais e sociais, reafirma sua relevância na articulação entre produção de conhecimento e intervenção social.

Palavras-chave: Ciências Sociais Aplicadas; Extensão Universitária; Arte Urbana; Mediação Social; Território.

INTRODUÇÃO

Ser cientista social é, com todas as aspas necessárias, ir além da sala de aula e dos livros: significa se envolver, questionar e atuar no mundo. É ocupar diferentes lugares - seja em instituições públicas, organizações da sociedade civil, coletivos de base, iniciativas culturais ou projetos que juntam saberes diversos. Essa circulação por tantos espaços não só mostra o leque de possibilidades profissionais e sociais abertas para quem se forma na área, como também reforça algo essencial: às Ciências Sociais estão no centro da tarefa de interpretar criticamente a realidade e desenhar caminhos de ação diante dos nós que a sociedade contemporânea nos apresenta.

A reflexão deste ensaio nasce de uma experiência concreta vivenciada na disciplina

¹ Graduada em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, esenaalvesdelima@gmail.com.

HUM4087 - Práticas de Pesquisa Social Aplicada, oferecida no semestre 2023/02 como atividade de extensão universitária ainda durante a graduação em ciências sociais. A proposta pedagógica, por sua vez, tinha um propósito claro: aproximar a produção acadêmica das demandas reais da sociedade, estimulando os estudantes a atuarem diretamente em diálogo com atores comunitários e políticos, com distintas realidades sociais. Foi nesse contexto que cinco representantes da comunidade, cada qual atuando em diferentes áreas da sociedade, foram convidados a participar da primeira aula da universidade. Na ocasião, eles compartilharam suas trajetórias, experiências de atuação e os principais problemas enfrentados em seus campos de atuação. Esse encontro se tornou, assim, um momento central de escuta e troca, o que permitiu o conhecimento das narrativas dos próprios envolvidos, os desafios sociais e políticos vividos pelas comunidades, e também as iniciativas que estavam em curso para melhorias das comunidades.

Partindo dessa experiência, o presente ensaio se alinha à perspectiva proposta ao buscar refletir e analisar as múltiplas maneiras pelas quais os cientistas sociais podem atuar na sociedade para além da pesquisa acadêmica convencional, em outras palavras, explorando o mundo que existe fora dos muros da universidade. O objetivo central do trabalho, portanto, é apresentar com base na experiência universitária realizada em grupo, de que modo a presença de sociólogos, antropólogos e cientistas políticos em espaços comunitário, institucionais e culturais pode contribuir para ampliar o reconhecimento social dessas profissões. Para além disso, pretende-se ainda mostrar como os cientistas sociais, ao se inserirem em diferentes espaços, são capazes de converter ferramentas teóricas em práticas efetivas de ação social.

PROJETO CULTURAL “VIVA ELIZABETH” - ROTA ARTÍSTICA

A pesquisa social aplicada tem como foco os problemas concretos que aparecem no dia a dia das instituições, organizações, grupos ou atores sociais (Fleury; Werlang, 2016-2017). Diferente das pesquisas científicas básicas, aquela voltada à produção de conhecimento teórico generalizável, ao teste de hipóteses e ao debate interno das disciplinas, a pesquisa aplicada se dedica a fazer diagnósticos, identificar problemas e buscar soluções (Fleury; Werlang, 2016-2017). Ela responde a uma demanda formulada por ‘clientes’, atores sociais ou instituições (Fleury; Werlang, 2016-2017).

Essa definição inicial, no entanto, não esgota a discussão. Segundo os autores Maria Tereza Leme Fleury e Sérgio R.C. Werlang na obra *Pesquisa aplicada: conceitos e abordagens* (2016-2017), fazem questão de ressaltar que, dizer que a pesquisa aplicada está

voltada para problemas práticos não significa de maneira nenhuma, que ela seja menos rigorosa ou que simplesmente renuncie à teoria. Pelo contrário, conforme os Fleury e Werlang (2016-2017), a pesquisa aplicada caminha junto com a pesquisa científica - uma alimenta a outra -, e exige tanto rigor na definição de problema, no desenho metodológico e na análise dos resultados, quanto relevância social (Fleury; Werlang, 2016-2017). Deste modo, não se trata de fazer pesquisa de qualquer jeito só porque o destino é prático. A diferença está no ponto de partida e na finalidade, pois, enquanto a pesquisa básica/tradicional, parte de questões internas à disciplina, a aplicada nasce de problemas do ‘mundo real’ e busca produzir efetivos impactos para além dos muros da universidade.

Foi nesse contexto que o grupo, diante das várias iniciativas sociais apresentadas ao longo da disciplina, decidiu se debruçar sobre um projeto cultural em específico: o “Viva Elizabeth: diálogos que transformam a Vila”, levado ao conhecimento da turma pelo dirigente do Coletivo Abrigo. A proposta apresentada pelo Coletivo, grupo atuante na comunidade local, girava em torno da chamada “rota artística da Vila Elizabeth”, localizada no bairro Sarandi em Porto Alegre. A ideia central apresentada consistia em mostrar como os murais de grafite feitos em residências e estabelecimentos comerciais da região, formaram um circuito visual e cultural no território que, valorizou, ‘embelezou’ e fortaleceu os laços entre os moradores, além de ter dado mais visibilidade ao bairro como um dado.

A partir dessa apresentação, algumas demandas começaram a se desenhar de forma mais clara, todas elas ligadas à necessidade de entender melhor os efeitos do projeto no cotidiano da vizinhança. O representante do Coletivo deixou claro que interessava, sobretudo, analisar como a implantação da rota do grafite tinha repercutido entre moradores e comerciantes, especialmente em dois aspectos: possíveis mudanças na economia local e a sensação de segurança dentro do território. Afinal, um dos propósitos da rota era justamente movimentar o comércio da região, atraindo visitantes e, quem sabe, estimulando novos negócios, ao mesmo tempo que, acreditava-se que a presença da arte nas ruas, aliada ao maior fluxo de pessoas, pudesse contribuir para que os moradores se sentissem mais seguros em seus arredores.

Entre as questões levantadas pelo Coletivo, a da segurança foi, sem dúvida, uma das mais recorrentes. Essa preocupação não apareceu por acaso: ela provinha da própria atuação do Coletivo Abrigo dentro do bairro, que já percebia alguns sinais de transformação ligados à crescente visibilidade cultural que a Vila Elizabeth vinha conquistando. Não só isso, o Coletivo também notava um interesse maior de novos moradores em liberar seus muros para

os grafites, além da chegada de patrocinadores dispostos a ajudar os artistas na ampliação da rota. Ou seja, no cotidiano o Coletivo já via indícios de que a rota estava gerando efeitos positivos. Faltava, porém, uma investigação mais sistemática, capaz de confirmar, e refinar, essas ‘impressões’ iniciais.

Diante desse contexto, no plano metodológico, a pesquisa foi concebida a partir de uma abordagem qualitativa, orientada por procedimentos próximos à etnografia. A escolha fundamentou-se na compreensão de que a análise dos impactos do projeto demandava a observação direta do território e a escuta das narrativas dos sujeitos envolvidos, de modo a captar dimensões simbólicas e práticas que dificilmente seriam apreendidas por métodos exclusivamente quantitativos. Nesse sentido, a rota de grafite foi tomada como objeto empírico privilegiado, permitindo observar a articulação entre arte urbana, dinâmicas territoriais e percepções comunitárias

Essa opção metodológica foi escolhida com base nas discussões propostas por Fleury e Werlang (2016-2017) a respeito da pesquisa aplicada. Para os autores, não há uma oposição rígida entre abordagens qualitativas e quantitativas, o que define a escolha é o problema de pesquisa, o contexto em que ele se insere e o tipo de resposta que se espera construir (Fleury; Werlang, 2016-2017). No caso, o interesse recaía justamente sobre percepções, significados e transformações sentidas no dia a dia da comunidade. Tratava-se de compreender como moradores e comerciantes vivenciavam a presença dos grafites em seus muros, se aquilo alterava sua relação com o bairro, se trazia alguma sensação de orgulho, pertencimento ou, quem sabe, insegurança. Dúvidas desse tipo dificilmente seriam respondidas por um questionário fechado ou por uma análise estatística descolada do território. Era preciso, como sugerem os autores, de um desenho de pesquisa que combinasse rigor e relevância, mas um rigor adequado ao objeto de estudo, e não um rigor emprestado de outras tradições científicas alheias ao problema (Fleury; Werlang, 2016-2017)

Assim, o grupo optou por procedimentos inspirados na etnografia: observação participante, entrevistas semiestruturadas e registros de campo sistemáticos. A ideia era justamente a aproximação do cotidiano da Vila Elizabeth, frequentar seus espaços, conversar com seus moradores e comerciantes, ouvir suas histórias e suas críticas. Como bem lembram Fleury e Werlang (2016-2017, p. 15), o estudo de caso, combinado com múltiplas técnicas de coleta de dados, é uma estratégia bastante adequada para pesquisas aplicadas nas Ciências Sociais, justamente por permitir essa imersão intensiva no objeto sem perder o rigor analítico.

Em suma, a aposta do grupo foi a de que, para responder às demandas colocadas pelo Coletivo Abrigo, não bastava medir ou contar; era preciso, antes de tudo, escutar e observar.

PRÁTICA SOCIAL SITUADA: DIÁLOGOS E AÇÕES EM CAMPO

Os percalços e descobertas que marcaram tanto a análise das entrevistas quanto as próprias incursões a campo nos convidam a uma reflexão mais ampla, amparada em certas tradições da antropologia, sobre o próprio fazer etnográfico.

Roberto Da Matta, no artigo *“O ofício de etnólogo, ou como ter ‘Anthropological Blues’”* (1978), sustenta que a etnografia não se reduz a um mero conjunto de técnicas ou procedimentos formais, trata-se antes, de uma atitude de estranhamento diante do que nos é familiar, uma disposição para suspender juízes imediatos e indagar como as coisas fazem sentido para os outros (Da Matta, 1978). Essa perspectiva para o autor, é o que verdadeiramente distingue o olhar antropológico de outras formas de investigação social. Nesse plano, não seria exagero afirmar que a antropologia é “um mecanismo dos mais importantes para deslocar nossas próprias subjetividades” (Da Matta, 1978, p.12). Pois, o objetivo da antropologia não é estudar uma sociedade distante para conhecê-la integralmente, tarefa essa muito difícil, mas sim, permitir dialogar com as formas sociais que convivem conosco, por mais distintas, distantes e singulares que pareçam.

Claudia Fonseca, por sua vez, na obra *“Quando cada caso NÃO é um caso: pesquisa etnográfica e educação”* (1999), aprofunda o argumento ao lembrar que o método etnográfico não se satisfaz com entrevistas isoladas nem com subjetividades meramente confessadas. Com base em sua experiência de campo em vilas populares de Porto Alegre, a autora demonstra que a etnografia exige, sobretudo, que se contextualizem os sujeitos em suas redes sociais, que se analise diferentes tipos de discursos e ações, como a fofoca, e que se observe o cotidiano em sua fluidez mais corriqueira (Fonseca, 1999)

Partindo dessas análises, a compreensão sobre o ‘fazer etnográfico’ foi a base central na maneira como o grupo organizou o trabalho e suas idas a campo. Em vez de partir de uma teoria já pronta sobre os impactos de rotas artísticas no contexto urbano, optou-se por ir ao território, conversar, mapear e analisar, para assim, ir ajustando o problema da pesquisa conforme as demandas do Coletivo e as especificidades do lugar. Deste modo, convém descrever que o grupo na prática, organizou o desenvolvimento da pesquisa no geral em etapas que se completam, a ajudaram a formar o todo.

No primeiro momento do trabalho, foram realizadas saídas de campo para conhecer o território e o trajeto da rota, conversas com os moradores e comerciantes locais, além de

identificar os principais atores comunitários envolvidos na implementação do projeto. Essas incursões iniciais renderam não apenas registros fotográficos dos grafites e de como eles se inserem no espaço urbano, mas também uma primeira compreensão das dinâmicas que ali aconteciam. Assim, o cronograma e o número de visitas foram acertados em diálogo com o Coletivo Abrigo, justamente para respeitar as particularidades do território e a disponibilidade de quem topasse participar da pesquisa.

No segundo momento, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com alguns atores-chave, selecionados a partir dos contatos estabelecidos nas primeiras idas à campo. O objetivo neste segundo momento, era de aprofundar a compreensão sobre as transformações associadas à rota “Viva Elizabeth”, explorando sobretudo, três dimensões: a segurança, muito salientada pelo dirigente do Coletivo, a economia local e os aspectos culturais do projeto. Em sintonia com a abordagem qualitativa adotada, o número das entrevistas não foi definido de antemão, foram realizadas de acordo com as saídas a campo do grupo.

Entretanto, nem tudo ocorreu conforme o planejado pelo grupo. Durante o mapeamento, a partir dos dados apresentados pelo dirigente do Coletivo e das primeiras idas a campo, os atores sociais considerados chaves para entender a rota do grafite e sua importância na comunidade, eram os comerciantes, que tinham os muros grafitados, o posto de saúde que, ganhou mais visibilidade do poder público após a restauração de sua fachada com o grafite, e a escola municipal do bairro. Pois, foram apontados como atores essenciais para a implementação da rota e sua adesão na comunidade.

Assim, entre os atores chave para o entendimento do processo de criação da rota e sua implementação no bairro, a escola municipal mostrou-se um ator estratégico tanto para o trabalho, quanto para o Coletivo e a comunidade. Pois foi nesse ambiente que se desenvolveu atividades com os alunos relacionados à rota e ao projeto “Viva Elizabeth”. Contudo, não foi possível conversar diretamente com o diretor, o coordenador e nem com os professores da escola. As agendas do grupo para as saídas de campo e as dos dirigentes da escola não se alinharam. As idas a campo ocorreram apenas em poucas semanas letivas da disciplina, sendo a maioria nos finais de semana em que coincidiu com atividades promovidas pelo Coletivo na comunidade. E durante as semanas, as idas a campo eram poucas e rápidas, na medida que, os integrantes do grupo trabalhavam e tinham aulas da faculdade.

Diante disso, o grupo optou por redirecionar o foco das entrevistas, passou-se a entrevistar moradores que viviam nas proximidades da rota e comerciantes da região, mesmo aqueles sem grafites em seus comércios, perguntando-lhes sobretudo, os impactos que

sentiam com o surgimento da rota. No diálogo com alguns moradores e comerciantes, foi percebido que uma série de atividades relacionados a rota, como conscientização da melhoria do bairro, do cuidado do espaço e da inclusão das crianças nas atividades da comunidade, foram desenvolvidas em locais onde tinham muros grafitados, como por exemplo o beco do grafite, revitalizado no bairro a partir do projeto. Mas certos aspectos apontados pelo Coletivo como primordiais na demanda, a questão da segurança no bairro, mostrou-se mais complexo de relacionar diretamente aos efeitos da rota, dado que, o período ainda curto, cerca de um ano, desde sua implementação no bairro, não apontava efeitos diretos pelos moradores na segurança da comunidade.

Em vista disso, essa experiência desenvolvida em grupo em parceria com o Coletivo Abrigo, permitiu uma reflexão situada sobre as múltiplas possibilidades de inserção profissional dos cientistas sociais para além dos circuitos acadêmicos tradicionais. Ao longo de todo o processo, desde a elaboração da proposta até a execução da pesquisa aplicada, tornou-se evidente que o trabalho em contextos comunitários e interinstitucionais mobiliza competências que as Ciências Sociais, de fato, podem manejar com desenvoltura. Mais do que isso, evidencia como os cientistas sociais podem ocupar campos diversos e socialmente relevantes, mostrando que essa formação intelectual não prepara apenas para a sala de aula ou para pesquisa acadêmica, e sim, para campos diversos de aplicabilidade social.

Nesse plano, a rota do grafite, a princípio um objeto de estudo aparentemente circunscrito, logo se revelou uma porta de entrada para dinâmicas muito mais amplas de relações de vizinhança, disputas simbólicas sobre o território, tensões entre visibilidade e abandono, e entre pertencimento e exclusão. Para dar conta dessa complexidade, não bastava aplicar técnicas de pesquisas aprendidas em sala de aula. Era preciso, como sugere Fonseca (1999), contextualizar os sujeitos em suas redes sociais, analisando e compreendendo os diferentes discursos ali apresentados. Uma vez que, foi nesse ‘terreno movediço’, entre o planejamento e os imprevistos, que a formação em Ciências Sociais se mostrou menos um repertório de respostas prontas e mais uma caixa de ferramentas para fazer questionamentos, apontamentos e análises melhores, e principalmente, para escutar as respostas que os outros, à sua maneira, estavam apresentando no campo.

Assim, como resultados da pesquisa evidenciados pelo grupo, a rota do grafite gerou impactos em pelo menos duas dimensões. A primeira delas é a estética do bairro, que inclui as implicações mais comumente percebidas pelos moradores, na qual o ‘estético’ analisado é entendido como uma categoria que agrupa as questões relacionadas às dimensões mais visuais

da rota na Vila. Essa formulação decorre da constatação de que, nos relatos dos moradores, havia uma predominância de comentários que associavam os grafites a palavras como ‘bonito’, ‘colorido’, ‘cor’ e ‘vida’. Quando perguntados sobre o que acharam dos grafites especificamente na Vila, a maior parte dos moradores os considerava ‘bonitos’, relacionando a beleza dos desenhos com sua capacidade de colorir e chamar a atenção.

A segunda dimensão demonstrada é a social, ou seja, a repercussão da rota na vida não apenas daqueles que tiveram seus muros ou comércios grafitados, mas também de todos que passam pelas artes ao circular pela região. Pois, a implementação do projeto “Viva Elizabeth”, foi vista de maneira positiva pelos moradores entrevistados. Segundo as entrevistas realizadas em campo, o projeto transformou a dinâmica local ao imprimir nos grafites aspectos sociais e culturais da própria comunidade, suscitando assim, sentimentos de pertencimento e representatividade pela comunidade local.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Deste modo, a experiência extensionista evidenciou a capacidade das Ciências Sociais de atuar na análise e na intervenção sobre processos urbanos e culturais. Dois pontos, em especial, merecem destaque como principais reflexões extraídas da disciplina. O primeiro diz respeito ao potencial das Ciências Sociais como um campo de mediação entre diferentes atores sociais. A construção do projeto exigiu uma interlocução constante entre universidade, organização comunitária e, ainda que de forma indireta, o poder público municipal. Isso demandou, na prática, um esforço contínuo de tradução entre linguagens, expectativas e temporalidades muitas vezes dissonantes. Foi nesse contexto que a formação em Ciências Sociais se mostrou fundamental, sobretudo para elaborar estratégias de escuta qualificada, para negociar sentidos e para construir objetivos de maneira coletiva.

Durante as idas a campo, a capacidade de compreender as dinâmicas institucionais e as relações de poder implicadas nesses processos de articulação entre atores heterogêneos configurou-se como uma competência central. Não raro, mobilizou-se espaços nos quais a base teórica e metodológica do grupo, as demandas do Coletivo Abrigo e as percepções dos demais moradores do bairro entravam em choque. Foi justamente nesse contraste, entre a realidade local observada e a teoria acadêmica, que encontrou um elemento-chave para aprimorar a pesquisa. Deste modo, o segundo ponto de reflexão está ligado ao papel dos cientistas sociais na produção de diagnósticos e na sistematização de demandas sociais.

Atuar em conjunto com o Coletivo Abrigo evidenciou, por um lado, a importância de investigar as transformações provocadas pela rota do grafite; por outro, a necessidade de construir instrumentos de pesquisa sensíveis às especificidades do território e às narrativas locais. A elaboração dos roteiros de entrevista, a observação do cotidiano da comunidade e a interpretação das falas dos interlocutores exigiram o uso de ferramentas metodológicas próprias das Ciências Sociais, o que demonstra sua aplicabilidade em contextos que vão muito além da pesquisa acadêmica *stricto sensu*. Essas práticas aproximaram o trabalho de campo de atividades profissionais como ‘consultoria social’, avaliação de projetos, planejamento participativo e produção de diagnósticos territoriais.

Por fim, a experiência também nos mostrou a relevância do cientista social na produção de registros e narrativas capazes de dar visibilidade a iniciativas comunitárias. A proposta de elaborar um portfólio sobre a rota “Viva Elizabeth” não se resumiu a documentar as intervenções artísticas; implicou, sobretudo, construir uma narrativa interpretativa sobre seus impactos sociais e culturais. Nesse processo, a escrita sociológica e antropológica, aliada à análise qualitativa, foi mobilizada como ferramenta de valorização das experiências locais, contribuindo assim, para o fortalecimento institucional do coletivo e para a ampliação de suas possibilidades de captação de recursos para a comunidade.

Assim, a experiência vivida ao longo da disciplina Pesquisa Social Aplicada nos permitiu enxergar o curso de Ciências Sociais como um campo de saber e de prática que atravessa diferentes esferas profissionais. Ele se mostrou útil para elaborar diagnósticos, fazer a mediação entre diferentes atores, produzir narrativas e construir estratégias de intervenção que fazem sentido nos territórios onde se inserem. Ao evidenciar essas possibilidades, fica ainda mais clara a importância de ser um cientista social, tanto na leitura crítica do mundo quanto na intervenção sobre as complexidades que ele apresenta. E mais, fica evidente sua presença cada vez maior em espaços profissionais que exigem sensibilidade analítica, compromisso ético e capacidade de articular diferentes campos de atuação.

REFERÊNCIAS

- DA MATTA, Roberto. **O ofício de etnólogo, ou como ter ‘Anthropological Blues**. In Exploraciones: Ensayos de Sociología interpretativa. 1978.
- FONSECA, Claudia Linn. **Quando cada caso NÃO é um caso: pesquisa etnográfica e educação**. Revista Brasileira de Educação. 1999.
- FLEURY, Maria T. L.; WERLANG, Sergio R. **Pesquisa Aplicada: conceitos e abordagens**. Anuário de Pesquisa (2017-2017) – GV Pesquisa, 2016.

GOES, César H. B. de; TIRELLI, Cláudia; CADONÁ, Marco André. **Núcleo de Pesquisa Social (NUPES): uma reflexão sobre a história de um espaço de pesquisa nas ciências sociais na UNISC**. Barbarói, n.59, p.259-178, 2021.

KIRSTEN, José T. **Apresentação dos Resultados e Relatório – II**. In: PERDIGÃO, Dulce M.; HERLINGER, Maximiliano; WHITE, Oriana M. (Orgs.). Teoria e Prática da Pesquisa Aplicada. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011, p.271-277.

TANNUS, Júlio C. G. **Planejamento de Pesquisa**. In: In: PERDIGÃO, Dulce M.; HERLINGER, Maximiliano; WHITE, Oriana M. (Orgs.). Teoria e Prática da Pesquisa Aplicada. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011, p.58-73.

TOGNOLLI, Dora. **Apresentação dos Resultados e Relatório – I**. In: PERDIGÃO, Dulce M.; HERLINGER, Maximiliano; WHITE, Oriana M. (Orgs.). Teoria e Prática da Pesquisa Aplicada. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011, p.167-174.

Ensaio recebido em 18/02/2026.

Aprovado em 10/04/2026.